

## MANEIRISMO NA POESIA DE JOSÉ ALBANO

Carlos d'Alge

E o “antigo estilo” de que fala Manuel Bandeira, que caracteriza as **Rimas** de José Albano. É também curioso que um poeta nascido em Fortaleza, quase na última década do século passado e que vive na Europa os anos mais revolucionários do Modernismo, quando se buscam todas as inovações possíveis, do Cubismo ao Dadaísmo, passando pelo Futurismo e pela revolução dos bolcheviques, tenha conseguido manter-se a distância de todos esses movimentos.

Trabalhando em Londres no serviço diplomático e depois peregrinando pela Europa, Oriente Médio e norte da África, infenso à paisagem humana e física, José Albano conserva o seu espírito voltado para as coisas antigas, mantendo-se fiel às raízes meridionais. É um poeta lírico cujos valores temático-formais o consagram definitivamente no quadro da poesia brasileira.

Acrescente-se que o seu estilo está condicionado por atitudes éticas e religiosas, por valores também ideológicos, que identificam determinado momento histórico e literário, numa total homogeneidade estilística, o que é realmente de espantar. Um lírico quinhentista que é, essencialmente, um maneirista. Pois que José Albano não pensou nem escreveu de outro modo. Basta o título de sua obra poética, **Rimas** para recordar a herança camoniana. Lendo-a, nela encontramos traços não só de Camões, mas de Petrarca, de Diogo Bernardes, de Gil Vicente, e até do Licenciado Antônio Ferreira. E, se formos mais a fundo, talvez descubramos pegadas de Frei Agostinho da Cruz e de Rodrigues Lobo.

Com efeito, as **Redondilhas** e a **Alegoria** são textualmente camonianas, a **Ode à Língua Portuguesa** foi certamente inspirada em Antônio Ferreira, a **Comédia Angélica** e **O Triunfo** lembram os pastoris e as alegorias de Gil Vicente. Os sonetos seguem também o maneirismo de Camões, cujo nome, aliás, aparece em várias composições de José Albano.

A **Alegoria** nas suas 77 estrofes reproduz a métrica camoniana como está n'**Os Lusíadas**. Todavia, como bem esclarece Braga Montenegro, no prefácio que escreveu para a edição de 1966, a **Alegoria** não pode ser integrada no gênero épico, nem tampouco é um pastiche d'**Os Lusíadas** como afirmara João Ribeiro. É, na verdade, mais um tributo à admiração de Albano por Camões, pelos feitos portugueses, e pela língua que herdou dos seus antepassados lusos, num tom comovedoramente sincero:

“Porque da Língua Lusitana sabe  
Não deixará que a Poesia acabe”.

Aceita a influência camoniana e renascentista na poesia de José Albano, tentaremos apresentar e defender outra tese, a do seu maneirismo que, parece-nos, é a marca definitiva do lírico cearense.

Primeiramente tem-se confundido maneirismo e barroco. Ficaram, por outro lado, noções erradas sobre estilos e períodos literários. Tem-se dito, por exemplo, que muitos sonetos de Camões são barrocos ou pré-barrocos, como aquele famoso “Amor é fogo que arde sem se ver”. Ora, pelo simples fato de aparecerem neste soneto antíteses não se pode, simplesmente, chamá-lo de barroco. É, na essência, um soneto maneirista.

No maneirismo, ensinam-nos Helmut Hatzfeld, René Wellek e Vítor Manuel de Aguiar e Silva, encontram-se elementos estilísticos que derivam da Renascença, e vão encontrar-se também outros elementos que depois irão manifestar-se no barroco, mas nem por isso o estilo maneirista se confunde com os estilos renascentista e barroco. A questão foi posta por Ernst Robert Curtius no seu ensaio **Literatura Européia e Idade Média Latina**. Curtius propõe o binômio maneirismo **versus** classicismo, preferindo a designação maneirismo em lugar de bar-

roco. Desprezando os aspectos historicistas, Curtius analisa o maneirismo, transformando-o numa constante da literatura européia, comum a todas as tendências literárias opostas ao classicismo, sejam elas pré-clássicas, pós-clássicas, ou contemporâneas de qualquer classicismo.

O maneirismo é, portanto, uma forma de degeneração do classicismo e representa o desrespeito das formas normais de expressão, caracterizando-se pela eleição do artificioso e do rebuscado, pelo gosto de surpreender e assombrar. Essa forma tanto pode manifestar-se no aspecto lingüístico ou no conteúdo intelectual.

Isto posto, e seguindo o método de análise preconizado por Auerbach, tomemos alguns sonetos de José Albano para demonstrar a nossa tese. Tanto nos quatro sonetos escritos em inglês, como nos vinte e cinco sonetos em português, um dos signos mais freqüentes é o signo da mudança e da fugacidade, isto é, da instabilidade e da fugaz duração da vida, temas que se encontram em Camões, Diogo Bernardes, Rodrigues Lobo e Andrade Caminha.

O tempo para o homem é terrivelmente irreversível. Os desenganos são cruéis, e o que resta ao homem, na velhice, senão fugir do mundo e procurar Deus?

“Se ponho os olhos no passado  
E no futuro emprego o meu sentido,  
Lamento o longo tempo mal vivido  
E o breve esforço mal recompensado.  
(...)”

E quero enfim subir em vôo manso,  
Para deixar o mundo malfazejo  
E lá no Céu achar o meu descanso.”  
(Soneto XI, **Outros Sonetos**)

As queixas do poeta José Albano, refletindo a contingência e a mesquinhez da vida, e apelando para o descanso no Céu, isto é, onde poderá alcançar a graça divina, poderiam ser comparadas às queixas de Camões no famoso poema **Sôbolos rios que vão**, um dos poemas mais maneiristas do lírico português.

Aliás, José Albano, nas suas **Redondilhas** glosa o mote camoniano de **Sôbolos rios**. O poeta deseja percorrer um outro caminho, pois os que teve à sua disposição só infelicidades e tormentos lhe deram. As lembranças de Sião levam-no a clamar pela pátria do eterno amor que, evidentemente, não se situa na terra, Babilônia conspurcada, mas no Céu:

“..... longe daqui,  
Sujeito a divina lei,  
Da vida me esquecerei,  
De quanto nela sofri  
E quanto nela passei”.  
(Mote de Camões II)

Anotemos, agora, os principais núcleos temáticos em que se distribuem as antíteses e paradoxos do maneirismo de José Albano, classificando-os de I a IV.

Núcleo I: Dia (Realidade) x Noite (sonho): No soneto II, escrito em inglês:

“How sweet it is after the strife of day  
To rest profoundly in the arms of night,  
Forgetting sorrow, dreaming of delight  
That dwelleth in the heavens, far away”.

Neste soneto, Albano apela para os braços da noite, quase a invocar o soneto de Camões que começa assim: “Converteu-se-me em noite o claro dia”, para fugir da realidade do dia. Isto é, esquecendo as mágoas do presente e imaginando, através do sonho, o gozo que está mais longe, no Céu. Quando a noite se desfaz, a manhã, embora luz, traz, impiedosamente, a morte aos sonhos do poeta e o reconduz a todos os seus tormentos.

Núcleo II: Riso (Alegria) x Choro (Tristeza): No soneto I, dos dez escolhidos pelo autor, o poeta queixa-se do seu destino, que foi muito áspero, pois desde cedo conheceu mais tristeza que alegria. As peregrinações que fez pelo mundo afora trouxeram-lhe mais desenganos, e os desatinos de juventude só o tornaram mais amargo e desesperançado. Assim, conclui o soneto:

“Entendo que não tive outra alegria  
Nem nunca outro qualquer contentamento  
Senão de ter cantado o que sofria”.

Neste passo, Albano poderia ter repetido o poeta Rodrigues Lobo: “quanto aos outros alegre me entristece,/porque tenho o pesar por alegria”.

Núcleo III: Pena (Dor) x Gozo (Alegria): É nos sonetos II, IV, VII e X, da seleção já citada, que encontramos as antíteses de pena e gozo. A pena que é a dor oposta ao prazer, isto é, ao gozo, que seria o desiderato de todo o ser humano. Mas, amar é sofrer, e já houve quem, como Camões, desejasse o sofrimento pelo amor. É como se o poeta dissesse: vivo em gozo vivo em dor. Escreve José Albano:

“Ditoso quem foi sempre desamado  
Nem nunca na alma viu pintar-se o gozo,  
Que lhe promete estado venturoso  
Para depois deixá-lo em triste estado”  
(Soneto II)

“Se amar é sofrer tudo por um nada  
E a um tempo achar que é pouco e que  
é sobejo,  
Já claramente agora entendo e vejo  
Que não há quem de amar me dissuada”.  
(Soneto X)

Núcleo IV: Brandura (Ternura) x Aspereza (Dureza): A brandura e a aspereza têm um símile perfeito no verso camoniano “Feriu com duro ferro o brando peito”. Pois brandura opõe-se à aspereza, e no amor quer-se sempre o brando riso, e nunca a áspera indiferença. Essa antítese é encontrada em todos os poetas maneiristas que nos falam de brandos corações feridos pelo amor, que também clamam pelo amor fero ou brando, pois a dureza é a indiferença, e um comovido e bonito rosto pode abrandar a pedra fria e dura, como escreve o maneirista português Andrade Caminha.

Em Albano encontramos essa antítese, que aparece nos sonetos II, III e XIII, de **Outros Sonetos**. Dos três sonetos citados o mais maneirista é o de número III, no qual o poeta diz ter o “brando coração ferido” por um “farpão cruel e agudo”. É assim:

“D’ Amor não mais descreio nem duvido,  
Co’ Amor não mais me engano nem me  
iludo”.

No primeiro terceto achamos outra curiosa antítese, comum também nos maneiristas portugueses, o Fogo (Calor) oposto ao Gelo (Frio):

“Sinto arder fogo e resfriar-me gelo  
Pesar-me mágoa e aliviar-me gozo”.

Recorde-se aqui o poeta Diogo Bernardes, maneirista como Camões, que nos diz: “Senhora, vós sois de neve, alva e fria, .../ de mim feito de fogo e d’água pura/ contrária natureza vos desvia”.

Vamos concluir este texto dedicado ao poeta José Albano. Tentamos provar, e julgamos que o fizemos, utilizando vários exemplos que, apesar da influência vicentina e renascentista, José Albano é, na realidade, o único poeta maneirista brasileiro nascido no final do século XIX, possuidor de um extraordinário talento humanista, e recriador de uma atmosfera expressivamente lírica, enriquecida pela visão cristã do mundo. Nesse tocante assombra, ao lado das oposições e contradições, entre pureza e pecado, amor e fé, carne e alma, o seu testemunho poético sobre verdades que permanecem, para sempre, incontestáveis.